



Saytia: "O governo tinha que colocar manilhas e canalizar a água"



Genecier: "Fica tudo úmido. O colchão fica molhado. É muito ruim"

Em constante estado de alerta

O **Correio** visitou duas áreas consideradas de risco. Não foi difícil encontrar moradores com reclamações e relatos sobre os prejuízos causados pelas chuvas. Na Vila São José, em Vicente Pires, uma das regiões onde o perigo é constante, a empregada doméstica Saytia Barbosa, 21 anos, conta que, quando chove, fica "ilhada", com enxurrada na porta e uma erosão nos fundos. Ela mora na última casa da Rua 19, em uma

das partes mais baixas. A cada temporal, seu terreno fica cheio de lixo trazido pelas águas.

Em alguns trechos da vila, é impossível passar de carro. Saytia relata que, há cerca de três semanas, quando as chuvas começaram, ela entrou em trabalho de parto e chamou o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Porém, a ambulância não conseguiu subir para a pista principal. "Tivemos que chamar ou-

tra ambulância e eu fui levada de maca pelos paramédicos rua acima. É muito difícil viver assim. O governo tinha que colocar manilhas e canalizar a água", reivindica.

A dona de casa Maria de Fátima Lúcio, que mora na parte de cima da rua, acredita que, de certa forma, os próprios moradores são culpados pelos danos, por terem invadido o local. "O lugar fica cada vez pior e mais perigoso", afirmou.

Na Vila Cauhy, no Núcleo Bandeirante, o problema são os alagamentos. Parte das casas fica próxima ao Córrego Riacho Fundo. A dona de casa Genecier Nascimento, 59 anos, construiu uma barreira na entrada de casa para conter a água. Mesmo assim, algumas vezes, o volume de água é tão grande que a mureta não é suficiente. "Fica tudo úmido. O colchão fica molhado. É muito ruim", queixou-se. (LC)